

Entrevista / Interview

Entrevista com Sheila Grillo: Análise de Discursos Comparativa no Brasil

*Interview with Sheila Grillo: Comparative
Discourse Analysis in Brazil*



Sheila Vieira de Camargo Grillo 

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil
Entrevistada
sheilagrillo@usp.br
<https://orcid.org/0000-0003-0480-2660>

Vanessa Fonseca Barbosa 

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil
Entrevistadora
vanessafonbar@usp.br
<http://orcid.org/0000-0003-2901-015X>

Apresentação

No dia 12 do mês de abril de 2022, Sheila Vieira de Camargo Grillo, professora livre-docente e pesquisadora da FFLCH/USP, recebeu-nos, gentilmente, em sua casa, para a realização desta entrevista, por meio da qual pudemos ouvir a autora a respeito de alguns pontos essenciais de uma nova abordagem de investigação científica no Brasil, a Análise de Discursos Comparativa ou Análise do Discurso Contrastiva (denominação adotada na França, país de origem da abordagem). A professora Sheila Grillo, a partir das perguntas que lhe fizemos, discorreu, dentre

* Sheila Vieira de Camargo Grillo tem doutorado em Linguística e é atualmente professora livre-docente vinculada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo. São notórias suas pesquisas dedicadas à compreensão do discurso de divulgação científica, bem como, ao lado de Ekaterina Vólkova Américo (UFRJ), seus trabalhos voltados para a tradução dos escritos de Pavel Medvédev, Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov na esfera acadêmica brasileira. Em conjunto com Dária Schúkina (Górnyi Universitiét, São Petersburgo), lidera o grupo de pesquisa Diálogo (CNPq/USP), em que orienta trabalhos na área de estudos do discurso e do texto e, de forma pioneira no Brasil, na análise de discursos comparativa.

** Recebido em: 14/06/2022 | Aprovado em: 29/06/2022

outros aspectos, sobre o surgimento dos princípios epistemológicos da abordagem em nosso país, citou alguns de seus importantes eventos ocorridos até o presente momento, bem como nos falou acerca da importância de trabalhos desenvolvidos entre ela e demais pesquisadores do Grupo de Pesquisa *Diálogo* (CNPq/USP) com professores e pesquisadores do grupo CLESTHIA – *axe sens et discours*, da Université Sorbonne Nouvelle, Paris 3.

Desse modo, aproveitamos o espaço para agradecer à entrevistada pelo acolhimento e pelas informações disponibilizadas. Convidamos o leitor da *Linha D'Água* a apreciar o resultado deste trabalho¹.

Vanessa Fonseca Barbosa:

Professora Sheila, em um *Editorial*, publicado no número 31 da *Revista Linha D'água*, no ano de 2018, você e as professoras Flávia Machado e Maria Inês Campos afirmaram que, embora o estabelecimento de comparações seja uma prática antiga e recorrente em trabalhos situados no campo da análise de discursos, o aspecto “novo” no surgimento da *Análise de Discursos Comparativa* está relacionado a estudos realizados por pesquisadores do “CLESTHIA – *axe sens et discours* (Université Sorbonne Nouvelle Paris 3) – que, desde os anos 2000, vêm se dedicando a desenvolver uma disciplina intitulada *Análise Comparativa de Discursos*² para comparar/contrastar línguas/culturas distintas” (GRILLO; MACHADO; CAMPOS, 2018, p. 1). A partir disso, gostaria que você falasse a respeito do surgimento da *Análise de Discursos Comparativa* no Brasil, ou seja, quando e como ela surgiu aqui, com qual(is) objetivo(s) e qual o seu estágio atual de desenvolvimento?

Sheila Vieira de Camargo Grillo:

Eu não tenho muita notícia de pessoas que trabalham com a *Análise de Discursos Comparativa* ou *Análise Comparativa de Discursos*, no Brasil, além do nosso Grupo, com esse objetivo. Pode ser que existam outros trabalhos e outros Grupos de Pesquisa que estão se dedicando a essa área, mas não tenho notícias. Eu tomei contato com esse trabalho a partir de pesquisas da Patricia [Patricia von Münchow], que é a primeira. Conheci o trabalho dela já há muito tempo, a partir da sua Tese de Doutorado, que é do final dos anos de 1990, em que ela compara os telejornais na Alemanha e na França. Eu

¹ Antes da leitura da entrevista, cabe-nos esclarecer que todas as colocações entre colchetes são da entrevistadora e as que se encontram entre parênteses foram enunciadas pela entrevistada.

² Há, ao longo da entrevista, uma flutuação terminológica entre os termos “*Análise de Discursos Comparativa*” e “*Análise Comparativa de Discursos*”. Tal flutuação deve-se ao fato de que, no início, a corrente foi intitulada “*Análise Comparativa de Discursos*” e, mais tarde, optou-se pela denominação “*Análise de Discursos Comparativa*”, conforme se pode verificar pelo nome cadastrado no Grupo de Pesquisa do CNPq <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelholinha/1085351391871051826201>. Acesso em 23 de junho de 2022.

tenho a tese dela e sabia que ela trabalhava com isso. Então, quando eu comecei a trabalhar com tradução, há cerca de dez anos, traduzindo os trabalhos dos autores do Círculo, foi aí que surgiu o meu interesse pela área. A tradução é uma área que exige a comparação, pois você traduz um texto de uma língua, de uma cultura para outra língua, outra cultura. Faz parte do processo de tradução a comparação. Na França, a Patricia tem preferido o termo *contrastiva* [Análise do Discurso Contrastiva], ao invés de comparativa, mas, aqui, no Brasil, aconteceu o seguinte: quando eu escrevi um artigo para a *Revista Bakhtiniana* e comecei a utilizar o termo *contrastiva*, um dos pareceristas, que aceitou o artigo, comentou que, para ele, esse termo remetia ao estruturalismo de inspiração saussuriana, por causa dos pares contrastivos, então, para ele, [contrastiva] remetia a esse campo da linguística do sistema, da língua. Com isso, pensei: se, aqui no Brasil, *contrastiva* tem esse sentido, vou começar a usar o [termo] *comparativa*. Mas a comparação surgiu, porque eu acho que o trabalho da tradução exige e, também, porque, como nós trabalhamos muito com teorias estrangeiras, aqui, no Brasil, no meu caso, com teorias francesas e russas, estamos o tempo todo comparando culturas. A ciência é parte da cultura e eu acho que você entende melhor uma teoria, quando você conhece a cultura. Assim, achei que era importante [esse estudo], sobretudo [para compreender] a cultura russa e soviética (porque o Bakhtin produziu toda a sua obra no período soviético). Logo, era importante entendermos o contexto cultural, político, social e linguístico no qual essa teoria surgiu, ou seja, fazia parte desse trabalho, por isso o meu interesse. Era um meio de unir, na verdade, a tradução com o tipo de análise do enunciado, do discurso que eu fazia, de inspiração bakhtiniana.

Vanessa Fonseca Barbosa:

A respeito do evento que aconteceu na USP, em 2017 (I Colóquio Brasileiro-Franco-Russo em Análise de Discurso): qual a importância desse Colóquio no surgimento da Análise de Discursos Comparativa no Brasil?

Sheila Vieira de Camargo Grillo:

Esse evento é fundamental, porque ele marcou uma parceria dos Grupos [de Pesquisa]. Nós já tínhamos uma parceria com eles. A Michele [Michele Pordeus Ribeiro], por exemplo, já tinha escrito uma tese de doutorado³, comparando os termos *direita* e

³ Tese intitulada “*Droite*” et “*gauche*” dans les discours d’un événement électoral. Une étude sémantique et contrastive des presses brésilienne et française: les élections présidentielles de 2002 au Brésil et de 2007 en France (“*Direita*” e “*esquerda*” nos discursos de um evento eleitoral. Um estudo semântico e contrastivo da imprensa brasileira e francesa: as eleições presidenciais de 2002 no Brasil e 2007 na França). Esta tese fora defendida em 28 de janeiro de 2015, na *Sorbonne Paris*, em supervisão conjunta da Professora Sheila Grillo,

esquerda na imprensa brasileira e na imprensa francesa. Essa tese foi coorientada por mim e pela Sophie Moirand, em *Análise Comparativa*, então esse foi o meu primeiro contato mais estreito com a *Análise Comparativa*. Antes disso, tive contato com a Sophie Moirand, quando organizei o número 56, da *Revista Linx* sobre Gêneros do Discurso, em parceria com o Simon Bouquet⁴. Participaram desse número Sophie Moirand e Patricia von Münchow. Foi nessa oportunidade que eu conheci a Sophie Moirand, não pessoalmente, mas por *e-mail* e pela sua participação nesse número da revista [publicada em 1º de junho de 2007], quando eu fiz o meu pós-doutorado na França. Eu tinha contato, então, com esse grupo e, depois, a partir do meu pós-doutorado, a Michele veio fazer um doutorado em cotutela Brasil – França e nós estreitamos esse laço, eu fui para a França, participar da Banca, eles também receberam a Flávia [Flávia Silva Machado] e o Urbano [Urbano Cavalcante da Silva Filho], ambos fazendo o pós-doutorado. E nós fomos consolidando essa parceria. Nesse meio-tempo, cabe dizer novamente: a questão da tradução é central para a minha aproximação com a *Análise Comparativa de Discursos*, pois eu senti que era uma abordagem teórico-metodológica fundamental para o meu trabalho de tradução e para a *Análise do Discurso*. Penso também que a nossa conjuntura internacional de aproximação das culturas (em função da globalização, da expansão da internet, das trocas etc.) nos coloca o tempo todo em contato com outras línguas, com outras culturas. Então, me parece que não dá mais para pensarmos em discursos só de uma língua/cultura. Acho que a nossa orientação, daqui em diante, é para uma abertura maior, no sentido de estudar línguas e culturas em comparação e acho também que nós, como linguistas, o nosso interesse deve ser por línguas. Quando conhecemos línguas/culturas (colocando-as entre barras, porque a língua depende da cultura e a cultura da língua), nós crescemos como linguistas, porque entendemos melhor o que é a nossa língua e o que é a língua dos outros, bem como a cultura da qual a língua integra e a qual [a cultura] a língua também forma.

Vanessa Fonseca Barbosa:

Um dos resultados advindos das discussões realizadas em 2017, na USP, foi a publicação, em 2021, da obra “*Analyse du Discours et Comparaison*”, pela editora Peter Lang, na Europa, que conta inclusive com trabalhos de pesquisadores do Grupo Diálogo (CNPq/USP). Você poderia falar um pouco desse livro?

da Universidade de São Paulo (Brasil), e da professora Sophie Moirand, da Université de la Sorbonne Nouvelle (Paris).

⁴ BOUQUET, Simon; GRILLO, Sheila Vieira de Camargo (Editores). *Linguistique des genres: Le programme de Bakhtine et ses perspectives contemporaines*. *Revue des linguistes de l'université Paris X Nanterre*, n. 56, 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/linx/347?lang=en>. Acesso em 3 de junho de 2022. DOI: <https://doi.org/10.4000/linx.347>.

Sheila Vieira de Camargo Grillo:

Sim, sim. Nós temos, assim, o papel de protagonistas nesse livro e nessa pesquisa/parceria. Primeiro, porque nós organizamos o evento, aqui no Brasil, obtivemos financiamento. O livro, efetivamente, é uma parceria entre pesquisadores brasileiros, franceses e russos. Temos três línguas/culturas em relação, com pesquisadores desses três países, o que também representa uma abertura, uma multiplicação. Estamos muito acostumados, no Brasil, a ter parcerias mais com um país, por exemplo, parcerias muito fortes com a França e com os Estados Unidos (acho que são os dois mais fortes). No entanto, com mais duas línguas/culturas ao mesmo tempo, como França e Rússia, eu não vejo muitos grupos de pesquisa que têm esse diálogo tão amplo. Acho que essa abertura representa um enriquecimento, acho que ela tem muito a ver com o modo como o Bakhtin trabalhou também. Depois que fiquei mais atenta à questão da comparação e da tradução, eu observei como, nos trabalhos do Bakhtin, existe uma abertura para a comparação. Pode reparar: quando ele fala de literatura, o tempo todo, ele compara a literatura russa, com a literatura francesa, com a literatura espanhola, com a literatura a latina, com a literatura grega. Ele tem uma visão comparativa da literatura. Ele era professor de literatura estrangeira em Saransk. Ele foi chefe de departamento de literatura e dava aula de literatura estrangeira. E nós percebemos como esse conhecimento que ele tinha de diversas línguas, de diversas culturas e de diversas literaturas foi, a meu ver, essencial para o desenvolvimento da teoria do diálogo, do dialogismo. E é por isso que ele continua a dar respostas para as nossas questões até hoje. Então, quando falamos, por exemplo, em polifonia, em plurilinguismo, em diálogo, em heterodiscurso, isso tudo tem a ver com a Análise Comparativa [de Discursos]. O modo de pensar do Bakhtin é na comparação, embora ele não fale que faz uma análise comparativa, mas é o jeito dele trabalhar com literatura, com cultura, com língua. Inclusive, é por isso que ele ficou tão conhecido no mundo, porque ele não falou só da literatura russa, mas ele falava da literatura russa e, também, da literatura francesa, ele escreve aquela tese importantíssima sobre Rabelais, em que ele desenvolve o conceito de cultura, por exemplo, que é importantíssimo para a Análise Comparativa de Discursos.

Vanessa Fonseca Barbosa:

Quais são os principais desafios epistemológicos, metodológicos e analíticos envolvidos na comparação de discursos advindos de diferentes línguas-culturas?

Sheila Vieira de Camargo Grillo:

Eu diria, do ponto de vista teórico (que acaba tendo influência sobre a metodologia, mas que é teórico), eu acho que o principal desafio, agora, é o conceito de *cultura discursiva*,

de *cultura*. Acho que esse conceito nos trabalhos dos analistas franceses que deram início é pouco desenvolvido/aprofundado e acho que esse é um aspecto teórico com o qual estou trabalhando neste momento. No meu artigo, inclusive, no livro [Analyse du discours et comparaison], tem um momento em que eu falo da cultura, aliando o Bakhtin com a Análise Comparativa, porque eu acho que, para o Bakhtin, sim, cultura é muito importante, conforme vemos em *A Cultura Popular na Idade Média: o contexto e a obra de François Rabelais*⁵, em que a palavra cultura está no título. Esse conceito, então, é fundamental. Estou escrevendo um artigo sobre tradução e cultura, neste momento, e tenho descoberto os trabalhos de Eduardo de Castro. Ele se chama Eduardo Batalha Viveiros de Castro, um antropólogo brasileiro, muito importante, com obras publicadas nos Estados Unidos e na França. Ele é professor, acho que é aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e, estudando povos amazônicos, povos ameríndios, ele desenvolveu um conceito de cultura e observou que, nesse conceito de cultura, tem tradução, porque cultura envolve tradução, envolve tradução da cultura do outro. Então, como eu trabalho com tradução, eu percebi, mais uma vez, a importância de unir cultura, tradução e discurso. Estou trabalhando com isso e acho que esse é um grande desafio teórico meu. A questão do diálogo de culturas é central para os antropólogos. Agora, eu estou lendo este livro, que se chama *A invenção da Cultura*, da autoria de Roy Wagner⁶, através do texto do Eduardo Batalha Viveiros de Castro e, conforme eu estou lendo essa obra, vou observando esses pontos em comum entre a teoria bakhtiniana do dialogismo e essas visões da cultura. Neste momento, eu estou no processo, mas eu acho que o conceito de cultura é central para os antropólogos e nós temos antropólogos brasileiros pioneiros que têm visões sobre a cultura, sobre a linguagem, sobre o discurso, sobre diálogo; antropólogos que têm pontos que podem ser aproximados da teoria bakhtiniana. Eu estou nesse processo de trabalhar com isso e acho que esse conceito de *cultura* e de *cultura discursiva*, que é a nossa área em específico, acho que é um dos principais desafios.

Já do ponto de vista metodológico, o estabelecimento de um *tertium comparationis* bem-feito é um dos pontos centrais da análise, porque é sempre difícil você encontrar o equivalente na outra língua e cultura. Às vezes, você encontra e o outro fala: “não, mas não é o equivalente”. Então, você precisa conhecer muito bem as duas línguas/culturas, os contextos dos enunciados com os quais você está trabalhando, para que você possa construir uma justificativa relevante, coerente e bem fundamentada, que permita uma aproximação daqueles enunciados, porque nem tudo pode ser aproximado. Por isso, eu acho que o *tertium comparationis*, do ponto de vista metodológico, é um grande desafio do analista na hora de construir o *corpus* de pesquisa.

⁵ BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo/Brasília: Hucitec/Editora Universidade de Brasília, 2008.

⁶ WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. Trad. Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010. 253 pp.

Vanessa Fonseca Barbosa:

Em um capítulo recém-publicado no livro intitulado “Analyse du discours et comparaison”, você descreve a perspectiva bakhtiniana como um “encontro dialógico entre culturas” [rencontre dialogique entre cultures] (BEZERRA, 2017). Você poderia discorrer sobre: a) a importância do conceito de cultura na perspectiva francesa?; b) de que modo essa questão pode ser trabalhada em uma ótica bakhtiniana?

Sheila Vieira de Camargo Grillo:

Penso que, na análise francesa, em que eles fazem questão de manter a colocação análise *do* discurso (tanto que nós discutimos o título do livro *Analyse du Discours et Comparaison*, e isso não ocorreu sem pensarmos a respeito). Eu, particularmente, prefiro análise *de* discursos, porque eu acho que abre para vários discursos, mas, na França, quando se fala em *Analyse du Discours* (análise *do* discurso), isso remete para determinada orientação teórica que tem como uma das principais referências o Michael Pêcheux, do qual Sophie Moirand e esses outros autores descendem, embora sem se restringir a ele, mas fazem questão de manter essa identidade disciplinar na França. Por isso, quando estávamos discutindo o título do livro, a Sandrine [Sandrine Reboul-Touré] destacou que eles preferiam manter *Analyse du Discours* (Análise *do* discurso), porque, para a comunidade científica francesa, essa colocação remete a um domínio disciplinar que eles desejam manter na França. No caso do Brasil, penso que não temos essa filiação obrigatória ao trabalho de Michael Pêcheux, mas nós também não o rejeitamos. Temos, aqui, uma ligação maior com os trabalhos do Bakhtin e do Círculo, com os quais, inclusive, Sophie Moirand também trabalha. Ela é uma das poucas pesquisadoras, na França, que opera com os conceitos de diálogo e dialogismo. O Bakhtin foi muito recebido, nos anos de 1960 e 1970, na França, como precursor da análise do discurso, sobretudo pela introdução dos dois autores búlgaros: Júlia Kristeva e Tzvetan Todorov, que o introduziram lá, mas, depois, quando eles começaram a perceber que não se tratava exatamente da mesma abordagem de Michael Pêcheux, houve, por uma parte [de pesquisadores do Grupo de Pesquisa da França], certo distanciamento das pesquisas de Bakhtin. Isso não ocorreu por parte de Sophie Moirand, por exemplo, que tem uma abordagem mais aberta em relação à Análise do Discurso, inclusive a Patricia opera, por exemplo, com conceitos do Teun A. van Dijk, como o de contexto, ele tem um livro sobre isso e Patricia utiliza-o. Esse grupo, em especial, não tem problema com esses diálogos teóricos. Outros grupos já não o veem com tão bons olhos. O que eu acho importante é não tomar o trabalho de Bakhtin e o trabalho dessa Análise do Discurso pecheutiana como sendo a mesma coisa. Não são! A visão de sujeito, por exemplo, é diferente. Bakhtin tem uma visão de um sujeito mais ético e responsável, constituído no diálogo, então, ele é um sujeito que fala mais, o que não significa que ele fala sozinho ou que não está condicionado por um contexto, mas essa ideia mais estruturalista de que o sujeito é um

ponto na estrutura, de que ele é falado pelas posições que ocupa, isso não é a posição de Bakhtin e tem a ver com um contexto que hoje nós conhecemos melhor, um contexto teórico, político e social de afirmação de certa autonomia e até de liberdade. Liberdade é um conceito muito importante para o Bakhtin e para a cultura russa do séc. XIX para o séc. XX. Não me parece, por exemplo, que o Bakhtin fechou com a ideia de certo determinismo do sujeito pelas estruturas e pelo contexto social, sem ignorar a importância do contexto, esse sujeito não existe [para Bakhtin] sem a liberdade, pois é a liberdade que define o ser humano para ele. E essa visão que ele tem do ser humano decorre, em grande medida, da leitura que ele fez dos trabalhos de Fiódor Dostoiévski. Essa ideia de liberdade responsável está presente em Dostoiévski.

Vanessa Fonseca Barbosa:

Em seu artigo intitulado “A linguística em manuais brasileiro e soviético”, publicado em 2020 na revista ALFA, você afirma que “Um procedimento metodológico-chave desenvolvido por membros do Grupo de Pesquisa Clesthia - axe sens et discours (Paris III) para a comparação de línguas/culturas distintas é o *tertium comparationis* (MÜNCHOW, 2017, 2013, 2011, 2005)” (GRILLO, 2020, p. 2)”. Esse *tertium comparationis* é descrito como “um conjunto de critérios de ordens variadas (gênero discursivo, momento histórico, tema etc.) que estabelece a base comum necessária à comparação, ou seja, à descrição e à análise das representações dominantes sobre a linguística nos dois países/culturas” (GRILLO, 2020, p. 2). Você poderia explicar a relação do *tertium comparationis* com a teoria bakhtiniana? O que essa relação significa para o desenvolvimento de uma Análise de Discursos Comparativa de inspiração bakhtiniana?

Sheila Vieira de Camargo Grillo:

Em primeiro lugar, eu tenho a impressão de que esse é um termo latino que foi trazido para a Análise de Discursos Comparativa como um procedimento metodológico, é assim que eu o entendo, como um procedimento metodológico que permite aproximar aquilo que é diferente, por meio de traços comuns. Um dos desafios da Análise de Discursos Comparativa é o que comparar, pois não podemos comparar coisas que não têm nenhuma relação. Você precisa ter critérios para poder aproximar e o *tertium comparationis* vem de uma atenção metodológica especial para os critérios de aproximação de enunciados de duas culturas e línguas distintas. Então, eu prefiro o conceito de enunciado, que é um conceito-chave na teoria bakhtiniana, constituído sempre por uma parte verbal e uma parte extraverbal. Na Análise do Discurso Contrastiva, como prefere a Patricia atualmente, o gênero é esse elemento do *tertium comparationis*, mas eu prefiro pensá-lo como um feixe de critérios de comparação, porque não se trata apenas de um gênero, mas é o gênero, é o momento histórico que você escolhe, às vezes, é também o veículo no qual

aquele gênero aparece. Então, a depender do material e dos enunciados com os quais a gente trabalha, temos de tomar cuidado. Neste trabalho, por exemplo [do artigo citado na pergunta], eu queria comparar a linguística, por meio dos Manuais. Por que isso aconteceu? Porque, quando eu estava traduzindo *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, mais especificamente, escrevendo o ensaio introdutório, eu li alguns linguistas russos e soviéticos dos séculos XIX e XX, como o Potebniá [Aleksandr Potebniá], o Baudouin de Courtnay e outros, como um filósofo também importante, o Gustav Chpiet. E eu percebi que a linguística russa e soviética (falo russa e soviética, porque o Bakhtin é do séc. XIX e é muito influenciado por essa linguística e por esses autores que ele cita, os quais são do período pré-soviético), essa linguística tinha diferenças significativas em relação à linguística brasileira e à francesa, justamente, porque a linguística brasileira se constituiu por meio de uma influência muito determinante da linguística saussuriana, de inspiração francesa. Então, quando nós estudamos, nem percebemos, mas aprendemos (eu aprendi assim, pelo menos!) que a linguística como ciência surgiu com o *Curso de Linguística Geral*, do Saussure⁷, nos anos de 1916. E lendo os Manuais de linguística na Rússia e na União Soviética, eu percebi que a história, lá, era diferente. Lá, eles situavam, por exemplo, que o iniciador da linguística como Ciência não é o Ferdinand de Saussure, mas é o Wilhelm von Humboldt. Isso está dito nos Manuais e eu me surpreendi, porque, para mim: “como assim?”. Era o Saussure! Embora o Saussure seja reconhecido como uma etapa fundamental, um grande linguista, traduzido e conhecido, na Rússia, mas não como o primeiro, tal qual eu tinha aprendido, e aí eu percebi a história da comparação: na Rússia era diferente da França, que era diferente do Brasil. E essa diferença permite entender as escolhas de Mikhail Bakhtin, porque, quando nós lemos o Mikhail Bakhtin e o Valentin Volóchinov parece tudo tão novo, quer dizer, parecia, hoje já não parece mais, mas nos anos de 1980 e 1990, foi/era tudo muito diferente, era a linguística do sistema/da língua e o Bakhtin vem com uma linguística da fala/do diálogo/do enunciado. Por que isso? Aí, quando você lê Humboldt, e esses outros filósofos, como o Vossler [Karl Vossler], que é um estilista alemão muito importante, citado por Bakhtin e por Volóchinov, você vê que esses autores já estão falando de diálogo, que o diálogo tem uma importância naquela cultura alemã e russa do séc. XIX. A Alemanha exerce uma influência muito forte sob a linguística russa do final do séc. XIX e início do séc. XX. Então, você entende que esse diálogo, o Bakhtin não o retirou do nada, pois tinha um contexto acadêmico, filosófico e teórico que favoreceu essa visão sobre a linguagem e sobre a linguística, que é diferente da visão francesa, por exemplo, sob a visão de Ferdinand de Saussure.

⁷ A entrevistada refere-se à obra, de Ferdinand Saussure, *Curso de Linguística Geral*. Traduzida por Antônio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein, publicada pela editora Cultrix, em São Paulo, no ano de 1975.

Vanessa Fonseca Barbosa:

Ainda sobre o *tertium comparationis* e a Análise de Discursos Comparativa, quais são as possibilidades e os limites impostos pelo conceito de *gênero discursivo* (BAKHTIN 1950-1952/[2016]) no escopo dessa vertente da AD?

Sheila Vieira de Camargo Grillo:

Eu não diria que há limites, mas diria que o gênero desempenha um papel protagonista no *tertium comparationis*. Isso é afirmado inclusive pela Patricia e pela Chantal Claudel. Elas operam com esse conceito de gênero discursivo como o principal elemento do *tertium comparationis*. Muitas vezes, se você olhar nos trabalhos, é quase como se o gênero fosse o *tertium comparationis*. Eu penso que não é assim, pois acho que ele é um dos elementos, mas tem que ter um feixe aí. Por exemplo: é o gênero, mas o gênero de que época? Se você está trabalhando, por exemplo, com o gênero anúncio publicitário ou mesmo, como no caso do meu artigo, com o gênero *manual de introdução à linguística*. Um manual de introdução à linguística, na década dos anos de 1970, na União Soviética, que eu analisei, é uma coisa, mas um manual nos anos 2000 ou 2020 é outra. Então, não é só o gênero, mas é o gênero e a época também. Eu acho, portanto, que o gênero é importante, ele é um dos elementos e marca, inclusive, o tipo de Análise do Discurso que o grupo francês faz. Alguns grupos de Análise do Discurso de origem pecheutiana não veem com muito bons olhos essa utilização do conceito de gêneros, porque não é um conceito central nos trabalhos do Michael Pêcheux por exemplo. E não há nenhum problema nisso! É a especificidade do trabalho dele. Mas, nesse grupo [da França], o conceito de gêneros é importante e já vem dos trabalhos de Sophie Moirand que trabalhava com esse conceito. E para nós, que trabalhamos com a teoria bakhtiniana, o conceito de gêneros não é o único, não é também a “tábua de salvação”, como para muitos, por exemplo: “Ah, você falou de gêneros, então, está tudo resolvido”. Não! Mas ele é um conceito importante, tanto do ponto de vista da compreensão do que é cultura, do que é enunciado e do que é discurso. Na teoria bakhtiniana, ele está presente em todas essas dimensões, então eu penso que ele é uma possibilidade, um orientador, um conceito central, e eu não o considero um problema.

Vanessa Fonseca Barbosa:

O que você poderia dizer a respeito de como a Análise de Discursos Comparativa pode ser uma ciência aberta ao diálogo com outras abordagens epistemológicas como é, por exemplo, o caso da aproximação estabelecida por você desta com pressupostos de Bakhtin e o Círculo, aqui, no Brasil? Podemos dizer que essa aproximação se dá, aqui, como uma identidade dos trabalhos desenvolvidos pelos membros do Grupo Diálogo na área?

LINHA D'ÁGUA

Sheila Vieira de Camargo Grillo:

Sem dúvida, Vanessa, eu penso que essa é uma identidade importante. Não somos, é claro, o único grupo a trabalhar com esses pressupostos, nem devemos ser, mas os nossos [do Grupo de Pesquisa Diálogo] principais interlocutores teóricos são os pesquisadores do que chamamos, aqui, de Círculo de Bakhtin, mais especificamente três deles, os mais conhecidos no Brasil: Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pavel Medviédev e, como eu te falei antes, a abordagem comparativa não é estranha aos trabalhos, ela está presente nos trabalhos desses autores. Quando você lê, por exemplo, *A Teoria do Romance*, do Bakhtin⁸, volto a afirmar: ou, quando você lê a análise que o Volóchinov faz do discurso citado ou das formas de transmissão do discurso alheio, pode ver: ele compara russo, francês e alemão. Era um momento em que isso tinha a ver com a formação dessas pessoas, que dominavam várias línguas e que estavam atentas para várias culturas. E eu penso que isso dá um enriquecimento cultural e teórico, que está presente no trabalho do Círculo, e que eu acho que devemos alimentar como pesquisadores, como estudiosos e como linguistas. Penso que o conhecimento de diversas línguas é um enriquecimento para a visão de linguista, sobretudo dos linguistas hoje, que fazem trocas com o mundo inteiro, que têm internet, que têm globalização. Nós estamos o tempo inteiro em contato com a língua do outro. Temos a possibilidade de, pela internet, assistir a um telejornal russo, um telejornal francês etc. Antes, não tínhamos isso, nos anos de 1980 e 1990, por exemplo, mas, hoje, estamos o tempo todo diante do outro. Se a sociedade muda, a ciência tem que mudar também. Então, se a linguística, em algum momento, ficou mais restrita a uma língua. Acho, não sei... Talvez eu esteja generalizando e talvez ela nunca tenha ficado assim, pois, se pensarmos em trabalhos de outros linguistas, mesmo o Saussure, por exemplo, quando ele começou, o primeiro trabalho dele era a comparação do sistema vocálico no indo-europeu, daquelas línguas, para chegar em uma reconstrução das vogais. Por isso, eu não vejo a linguística sem essa comparação de línguas, entendo, aí, que o trabalho com o enunciado, com o discurso e com o texto é parte da linguística.

Vanessa Fonseca Barbosa:

Como a Análise de Discursos Comparativa se singulariza no quadro dos estudos linguísticos contemporâneos e em face das disposições sociais do mundo globalizado?

⁸ A entrevistada refere-se às obras sobre Teoria do Romance que constam nas referências ao final desta entrevista.

Sheila Vieira de Camargo Grillo:

Eu acredito que não só a área do Discurso, mas também outras áreas da linguística vão se encaminhar, cada vez mais, para a comparação. No nosso caso é mais o Discurso, mas eu digo comparação de línguas também. Isso não é novo, o séc. XIX era muito rico em trabalhos de comparação, filiados a uma perspectiva mais histórica da comparação e eu penso que vamos resgatar isso. Claro, em outro momento teórico, com todo esse caminho percorrido dentro do estruturalismo e do gerativismo, mas eu acredito que tanto do ponto de vista do Discurso quanto de uma linguística do Sistema, da Gramática, a comparação vai estar cada vez mais presente, é como eu entendo.

Vanessa Fonseca Barbosa:

Por fim, gostaria de ouvi-la sobre os horizontes e desafios futuros que essa área pode apontar para as suas pesquisas e as dos membros do Grupo Diálogo (CNPq/USP) para os estudos linguísticos desenvolvidos no Brasil.

Sheila Vieira de Camargo Grillo:

Eu vejo, conforme falei, esse desenvolvimento de uma orientação teórico-metodológica que não ignore as contribuições de pesquisadores franceses, russos, alemães. Nós temos agora, no grupo, pessoas trabalhando com a tradução da obra fundamental do Wilhelm von Humboldt, temos também o Yuri [Yuri Andrei Batista Santos], trabalhando comparação com a língua alemã. Então, como desafio e perspectiva eu vejo essa ampliação da comparação para um número maior de línguas. Eu penso que podemos vir a descobrir novidades, assim como para mim foi uma descoberta a questão de que a linguística russa é diferente da linguística francesa e da brasileira. Isso enriqueceu e ampliou o meu horizonte. Mas eu não sei, por exemplo, como isso acontece em outras culturas/línguas, porque há várias outras línguas/culturas sobre as quais conhecemos tão pouco. Será que também não temos outras linguísticas que nós não conhecemos? E o quanto essa descoberta irá nos enriquecer? Por isso, eu estímulo muito os estudantes a investirem no conhecimento de outras línguas/culturas, a não se restringirem àquelas mais estudadas, como o inglês e o francês, sem menosprezar a importância destas duas, mas eu estímulo os estudantes a expandir, digo para irem atrás de outras línguas também. Penso que, quanto mais ampliarmos a comparação, mais vamos descobrir visões diferentes do que é a linguagem, do que é a linguística e, conseqüentemente, a gente vai entender melhor, porque a comparação é para entender o outro, mas é para nos entendermos também. É assim que os antropólogos têm falado. Eu volto a isso que é muito importante: os antropólogos que tenho lido sempre falam que, quando o antropólogo está estudando, por exemplo, a língua de um povo ameríndio, ele está o tempo todo se comparando também,

ou seja, faz parte desse processo a comparação com a sua própria cultura, esse diálogo entre a sua cultura e a cultura do povo ameríndio, então a cultura do antropólogo está sempre em questão no seu trabalho. Isso tem muito a ver com a perspectiva dialógica do Bakhtin, ele inclusive fala que o pesquisador tem esse movimento de ir ao outro, para conhecê-lo e depois retornar a si, o que ele chama de extra-localização, a qual é fundamental para conhecer a cultura do outro e para conhecer a própria cultura. Isso está nos antropólogos e já estava em Bakhtin também, porque o Bakhtin é um pensador da cultura e, para a nossa sorte, um pensador da cultura por meio da linguagem, que é a nossa área, é a nossa contribuição observar/refletir sobre como a cultura está presente na linguagem e por meio da linguagem. Nós, como linguistas, nunca podemos perder isto de vista: a questão da linguagem e qual o papel da linguagem nesse processo.

Referências

- BAKHTIN, M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo/Brasília: Hucitec/Editora Universidade de Brasília, 2008.
- BAKHTIN, M. *Teoria do Romance I: A estilística*. In: BAKHTIN, M. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2015. 256p.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso [1952-1953]*. Organização, posfácio, tradução e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, M. *Teoria do Romance II: As formas do tempo e do Cronotopo*. In: BAKHTIN, M. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2018. 272p.
- BAKHTIN, M. *Teoria do Romance III: O romance como gênero literário*. In: BAKHTIN, M. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2019. 144p.
- BEZERRA, P. Bakhtin: remate final. In: BAKHTIN, M. *Notas sobre Literatura, Cultura e Ciências Humanas*. Organização, posfácio, tradução e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 81-96.
- BOUQUET, S; GRILLO, S. V. de C. (Editores). Linguistique des genres: Le programme de Bakhtine et ses perspectives contemporaines. *Revue des linguistes de l'université Paris X Nanterre*, n. 56, 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/linx/347?lang=en>. Acesso em 3 de junho de 2022. DOI: <https://doi.org/10.4000/linx.347>.
- CLAUDEL, C.; VON MÜNCHOW, P.; RIBEIRO, M.P.; PUGNIÈRE-SAAVEDRA, F.; TRÉGUER-FELTEN, G. Langue, discours et culture: vingt ans de recherche en comparaison". *Cultures, discours, langues*, CLAUDEL, C.; VON MÜNCHOW, P.; RIBEIRO, M.P.; PUGNIÈRE-SAAVEDRA, F.; TRÉGUER-FELTEN, G. Condé-sur-Noireau: Lambert-Lucas, 2013. pp. 15-46.
- GRILLO, S. V. de C. A linguística em manuais brasileiro e soviético. *ALFA*, vol. 64, 2020.
- GRILLO, S. V. de C. Fondements théorique-méthodologiques pour les analyses comparatives/contrastives des discours: les documents officiels de l'éducation de base au Brésil et en Russie. In: GRILLO, S. V. de C.; REBOUL-TOURÉ, S.; GLUSHKOVA, M. (Org.). *Analyse du discours et comparaison: enjeux théoriques et méthodologiques*. Bélgica: Peter Lang, 2021, p. 55-85.

GRILLO, S. V. C. Ensaio introdutório. In: VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* [1929]. Tradução notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo, São Paulo: 34. 2 ed. 2018. p. 7-102.

GRILLO, S. V. C.; CAMPOS, M. I. B.; MACHADO, F. S. Análise comparativa de discursos. *Revista Linha D'Água*, v. 31, p. 1-17, 2018.

MEDVIÉDEV, Pavel Nikoláievitch. *O método formal nos estudos literários* [1928]. Introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Sheila Grillo Ekaterina Vólkova Américo São Paulo: Contexto, 2012.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* [1929]. Tradução notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo, São Paulo: 34. 2 ed. 2018. 376 p.

WAGNER, R. *A invenção da cultura*. Trad. Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010. 253 pp.